

7.08.05 – Educação/Currículo

REPRODUÇÃO HUMANA E SEXUALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA

Luisa Machado¹, Sandra Escovedo Selles²

1. Estudante de IC do curso de Ciências Biológicas da UFF

2. Pesquisadora da Faculdade de Educação da UFF

Resumo:

Esse trabalho tem como motivação questionar a afirmação do movimento escola sem partido, movimento ultraconservador, segundo a qual não é obrigatório o ensino da reprodução humana e da orientação sexual nas escolas. Objetiva-se compreender como o ensino do corpo humano tem abordado essas temáticas em livros didáticos de Biologia publicados nas últimas três décadas, para reunir evidências que respondam à alegação conservadora. Para isto, são analisadas imagens relativas ao ensino de reprodução humana e de sexualidade em 10 livros de Biologia de três autores, publicados entre as décadas de 1990 à atual. Os resultados permitem argumentar que essa temática integra as tradições curriculares da disciplina escolar Biologia nessas décadas e justifica-se sua seleção como possibilidade de atender a finalidades educacionais que orientam a construção do currículo, pois se dirige ao mundo vivido dos jovens acolhidos pelas escolas.

Palavras-chave: Ensino de Biologia; Orientação sexual; Escola sem partido.

Apoio financeiro: CNPq

Introdução:

A história das disciplinas Ciências e Biologia mostra o quanto a abordagem de determinados conteúdos têm sido colocada em xeque por diferentes segmentos sociais que disputam controle sobre o currículo (GOODSON, 1997). Como exemplo, destacamos o quanto é notória a polêmica entre o ensino da teoria da evolução e do criacionismo por grupos religiosos desde a década de 1920 nos Estados Unidos (DORVILLÉ, 2010). Este controle sobre o currículo atravessou o século XX e nos últimos anos, especialmente no Brasil, o ensino de Ciências e Biologia tem sido alvo de inúmeros ataques por parte de grupos conservadores que passaram a disputar não somente o ensino da evolução biológica, mas também outros temas associados ao ensino do corpo humano. Um desses grupos, autodenominado “escola sem partido”, se volta contra o ensino de reprodução humana e orientação sexual sob a alegação de que não se tratam de conteúdos curriculares obrigatórios¹.

Neste artigo, busca-se compreender como o ensino do corpo humano tem abordado a reprodução humana e orientação sexual em livros didáticos de Ciências e Biologia publicados nas últimas três décadas. Inicialmente, revisitamos estudos nos quais autores examinaram livros didáticos buscando entender como gênero e sexualidade vêm sendo abordados ao longo desses anos. Como foi verificado que esses temas se encontram em unidades e capítulos dedicados à reprodução humana, optamos por focalizar no presente estudo as imagens de livros didáticos de Biologia, visto que estes materiais podem ser “considerados guias curriculares que expressam influências de movimentos educacionais, científicos e cotidianos” (GOMES; SELLES; LOPES, 2013).

Metodologia:

O estudo envolveu, em um primeiro momento, a consulta a trabalhos publicados na área de Educação em Ciências e Biologia. Em particular, o trabalho realizado por Valiente (2016) foi tomado como referência para investigar imagens de ensino de reprodução humana que atendessem aos objetivos do presente artigo. Em relação aos livros de Biologia, selecionamos previamente de um acervo de livros didáticos, em uma Faculdade de Educação, 24 deles publicados desde a década de 1970 até a atual, e que continham propostas de estudo da reprodução humana. Neste acervo, a distribuição por décadas dos 24 livros de Biologia correspondeu a: 1 livro em 1970; 3 em 1980; 8 em 1990; 6 em 2000; e 6 em 2010.

Utilizamos como critério de seleção dos livros para a análise do presente estudo aqueles que poderiam ser considerados representativos das tradições curriculares do ensino de Biologia. Assim, combinamos dois critérios: (i) livros de 1990 que continuam a ser publicados na presente década, indicando que teriam sido utilizados por diferentes gerações de professores; (ii) livros recomendados pelo PNLD, sugerindo que vêm sendo adotados em diversas escolas brasileiras. Do cruzamento destes critérios, terminamos por examinar as imagens dos livros de Sonia Lopes, César e Sezar e Sérgio Linhares (Quadro 1). Estes três autores têm publicações desde a década de 1990 e são recomendados pelo PNLD.

¹<http://escolasempartido.org/educacao-moral/442-quem-disse-que-educacao-sexual-e-conteudo-obrigatorio>

Quadro1. Livros de Biologia selecionados para análise

CÓDIGO	ANO	NOME DA OBRA	AUTOR(ES)	EDITORA	VOL./ED.
LB1	1999	BIO	Sônia Lopes	Saraiva	ÚNICO/1º
LB2	2008	Biologia	Sônia Lopes e Sergio Rosso	Saraiva	ÚNICO/1º
LB3	2002	BIO	Sônia Lopes	Saraiva	1/1º
LB4	2013	BIO	Sônia Lopes e Sergio Rosso	Saraiva	2/2º
LB5	1997	Biologia 2	César da Silva e Sezar Sasson	Saraiva	2/4º
LB6	2007	Biologia	César da Silva e Sezar Sasson	Saraiva	2/7º
LB7	2013	Biologia	César, Sezar e Caldini	Saraiva	2/1º
LB8	1995	Biologia Hoje	Sérgio Linhares e Fernando Gerwandsznajder	Editores Ática	2/7º
LB9	2003	Biologia Hoje	Sérgio Linhares e Fernando Gerwandsznajder	Editores Ática	2/11º
LB10	2012	Biologia Hoje	Sérgio Linhares e Fernando Gerwandsznajder	Editores Ática	1/1º

Resultados e Discussão:

Todos os livros de Biologia analisados apresentam ilustrações gráficas de órgãos sexuais masculinos e femininos, de corpos nus, ou de métodos contraceptivos. Essas imagens encontram-se nas seções de Reprodução Humana dos livros de Biologia, indo ao encontro dos resultados do trabalho de Valiente (2016) que também as encontrou em livros didáticos de Ciências publicados desde a década de 1970.

De modo geral, os corpos representados nas ilustrações são recortados para apresentar os órgãos reprodutores masculino e feminino (Figura 1). A maioria das imagens analisadas, ao destacar apenas órgãos e aparelhos de reprodução, concorre para uma abordagem fragmentada do corpo, recortando-o. Esse modo de apresentar o corpo humano fragmentado também é relatado por Valiente (2016), ao analisar as representações de corpos humanos em uma coleção de livros de Ciências publicados ao longo de cinquenta anos. Essa abordagem do corpo humano no ensino de Ciências e Biologia é uma das tradições curriculares dessas disciplinas, influenciada pela forma como ocorreu a produção científica desses conhecimentos (TRIVELATO, 2005).



Fig.1 Ilustrações dos sistemas reprodutores nos livros de Sônia Lopes

Chama a atenção o fato de o hímen ser retratado em quatro dos cinco livros onde há ilustração da genitália externa feminina. Dentre os livros de Ciências analisados por Valiente (2016) apenas um deles apresenta ilustrações desses órgãos, e nela apenas o hímen é nomeado. É evidente que a apresentação desse órgão tem a intenção de normatizar os corpos femininos, pelo valor atribuído à virgindade, pois historicamente homens e mulheres têm seus papéis sociais definidos, conforme ressalta Guerellus e Martello (2014): “meninos e meninas são educados para agir e se comunicar de forma diferenciada” (p.7). A escola é também um ambiente onde as concepções de gênero e sexualidade são reproduzidas e produzidas, e o uso de livros didáticos com essas ilustrações só tende a reforçar esses valores.

A análise dos livros evidencia também que o ensino da reprodução humana vem incluindo seções que não apenas abordam a orientação sexual, mas também detalham as DST. Esta seleção curricular pode ser entendida como atendendo a finalidades sociais que consideram o valor do conhecimento sobre métodos contraceptivos como modo de prevenção de gravidez não planejada e de prevenção de doenças. Altmann (2013) registra que o ensino desse tema nas escolas é motivado pelo crescente número de gravidez na adolescência, além dos casos de DST, como a AIDS, entre os adolescentes, fatores também considerados pela proposição do Tema Transversal “Orientação Sexual” nos PCN.

Dos 10 livros analisados sete apresentam imagens dos métodos contraceptivos. Dentre os livros de Sônia Lopes, três deles (LB1, LB3 e LB4) dão um destaque maior para os métodos contraceptivos femininos. Essa abordagem contribui para a definição de papéis atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade, os

quais trazem a ideia de que prevenção da gravidez é uma questão feminina, “[...] para ela, pílulas, DIU, diafragma, camisinha feminina, hormônios injetáveis, laqueadura e muitos outros; para eles vasectomia e camisinha.” (ALTMANN, 2013 p. 306). Os livros de Cesar e Sezar não dão muita atenção para os métodos contraceptivos, pois apenas o LB7 apresenta uma pequena imagem de laqueadura e vasectomia. Dentre os livros de Sérgio Linhares dois apresentam métodos contraceptivos: os livros LB9 e LB10 apresentam o diafragma, e a imagem ensina detalhadamente como introduzi-lo na vagina até o colo do útero com o auxílio dos dedos (Figura 2). A atenção para com os métodos contraceptivos parece ser uma tendência que vem se estabilizando ao longo dos últimos 30 anos, fato também registrado por Valiente (2016).

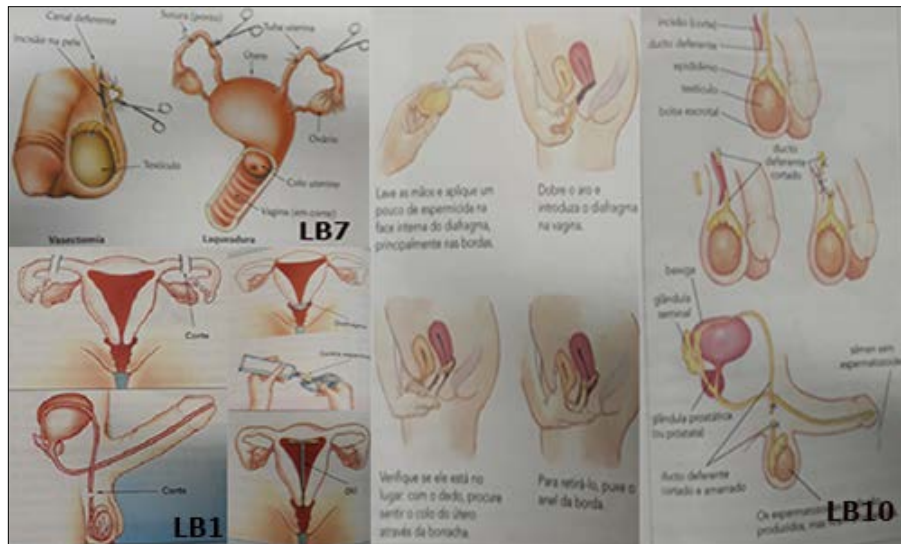


Fig.2 Métodos contraceptivos em LB1, LB7 e LB10.

Apenas quatro livros analisados (LB2, LB3, LB4 e LB10) apresentam a camisinha masculina como método de prevenção, não só da gravidez como também das DST. Em todas as imagens que representam este método o pênis encontra-se ereto (Figura 3). Em outras palavras, há pelo menos 30 anos os alunos e alunas da educação básica veem imagens de ereção e de modos de uso da camisinha masculina. Apenas o livro LB4 apresenta imagem da camisinha feminina, mas sem ensinar como usá-la.

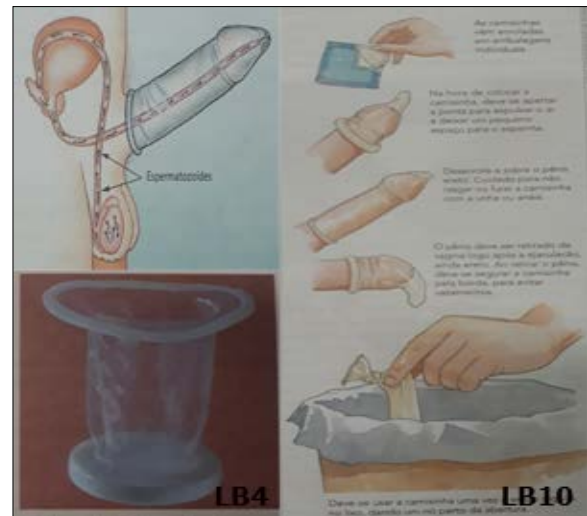


Fig.3 Camisinha masculina e feminina

Conclusões:

Neste artigo, reunimos dados que nos permitem afirmar que a reprodução humana e a orientação sexual vêm sendo incluídas no ensino do corpo humano em aulas de Biologia, pelo menos há trinta anos. Reconhecemos que se trata de uma das tradições curriculares da disciplina Biologia, e sua incidência evidencia que as finalidades educacionais destas disciplinas tomam como referência as necessidades físicas e sociais dos jovens a quem se dirigem.

Ao incluir imagens de pênis eretos em que se colocam camisinhas, ou em menor número nos livros analisados, diafragmas sendo introduzidos manualmente na vagina, os órgãos genitais femininos e masculinos podem ser estudados não como uma ferramenta biológica criada para a reprodução, mas no desempenho de atividades que incluem outros hábitos e valores humanos. Ainda que não se possa dizer que se trata de uma abordagem integradora, a qual procura representar o corpo por inteiro, a inclusão desses artefatos nos órgãos sexuais, embora mostrados de modo fragmentado, possibilita a inclusão de aspectos psicológicos e sociais na discussão sobre o corpo humano. Dessa forma, é cabível admitir que podem favorecer abordagens de temas como gênero, sexualidade e representações culturais e sociais que constroem o ser. Cabe lembrar que as

finalidades sociais do ensino de Biologia e as preocupações com essas questões estão presentes na escola através da mediação das professoras e professores (VILELA; SELLES, 2015). Qualquer censura a esta mediação pode incorrer em abordagens que desconsiderem as necessidades dos alunos.

A análise empreendida neste estudo opera com evidências que desmontam alegações do movimento escola sem partido de que o ensino da reprodução humana não seria obrigatório. Com esta alegação, e com a defesa de que exibir uma ilustração de pênis ereto ameaçaria valores morais das famílias dos alunos, este movimento acolheu uma denúncia contra o livro de Ana Maria Pereira, Margarida Santana e Mônica Waldhelm², ao portar tal ilustração³. Tais questionamentos mostram, no mínimo, um desconhecimento histórico das finalidades sociais do ensino de Biologia e das tradições que têm sustentado as disciplinas escolares. Nestas, diferentemente dos compromissos acadêmicos com o conhecimento, as temáticas são ensinadas não por mostrarem uma adesão absoluta a este, mas sim porque estão submetidas a finalidades sociais historicamente situadas. É o mundo vivido dos alunos, atravessado por pressões culturais diversas, que informa a produção curricular e contribui para que a escola seja um espaço de trocas e de questionamentos, aberto e dinâmico, distinta, portanto, dos espaços doutrinários e de cultos religiosos.

Referências bibliográficas

ALTAMANN, H. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e gêneros**. Cadernos Pagu, Curitiba (21): 281-315, 2013.

DORVILLÉ, Luís Fernando M. **Religião, escola e ciência: conflitos e tensões nas visões de mundo de alunos de uma licenciatura em Ciências Biológicas**. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

GOMES, M. M.; SELLES, S. E. e LOPES, A. C. **Currículo de Ciências: estabilidade e mudança em livros didáticos**. Educ. Pesqui., São Paulo (39): 477-492, 2013.

GOODSON, I. **A Construção Social do Currículo**, *EDUCA*, Lisboa, 1997.

GUERELLUS, J. J. e MARTELLO, A. R. **A relação da disciplina de Ciências com as questões de gênero e sexualidade: implicações e desafios**. Cadernos PDE, Paraná, (1), 2014.

TRIVELATO, S. L. F. Que corpo/ser humano habita nossas escolas? In: MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. e AMORIM, A. C. R. **Ensino de Biologia: conhecimento e valores em disputa**. EdUFF, Niterói p. 121-130, 2005.

VALIENTE, C. V. **O corpo humano no currículo de Ciências: analisando os livros didáticos sob uma perspectiva sócio histórica**. 2016, 182f. Dissertação (Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade) UERJ, São Gonçalo, 2016.

VILELA, M. L. e SELLES, S. E. **Corpo humano e saúde nos currículos escolares: quando as abordagens socioculturais interpelam a hegemonia biomédica e higienista**. *Biógrafia escritos sobre labiología y suenseñanza*, Colombia, (8): 113-121, 2015.

²Pereira, Ana Maria; Santana, Margarida; Waldhelm, Mônica. **Projeto Apoema Ciências** 8, 2. ed. – São Paulo: Editora Brasil, 2015.d

³Pais acionaram o Ministério Público, solicitando a retirada do livro escolar de Ciências do 8º ano destas autoras, por apresentar ilustrações dos órgãos sexuais masculinos e femininos, assim como o auto exame de mama. <https://g1.globo.com/ro/ji-parana-regiao-central/noticia/pais-acionam-mp-ro-para-proibir-livro-de-ciencias-com-ilustracao-de-penis-em-escola.shtml>